A juventude promissora e «as guerras deles»

written by Onofre Varela | 22 de Novembro, 2026



Uma foto de uma jovem segurando um cartaz graficamente rústico feito em cartão canelado, com a frase “Stop Funding Genocide” (Parem o Financiamento ao Genocídio) tomada no último Sábado em Manchester (Inglaterra) na Greve Internacional da Juventude, e publicada no jornal Público, pode ser o retrato dos jovens actuais que se colocam ao lado de causas humanamente justas e gritam ao mundo: ***“Lutemos pelo nosso futuro, não pelas guerras deles”.***

As *“guerras deles”* são todas as guerras que já aconteceram na História da Humanidade, promovidas por políticos ambiciosos e desonestos como no nosso tempo podemos considerar Netanyahu (a caminho da desgraça, espero eu), Putin (ditador seguro pelo exército e pela elite aristocrática que construiu… e que também desejo ver cair) e Trump (que igualmente espero ver

seguir o mesmo caminho), só para referir os três mundialmente mais citados (porque há mais!), ao quererem dizimar um povo, conquistarem território e tomarem para si terras, minerais, petróleo e gás natural.

Poder e hegemonia são a ambição destes três políticos que escrevem páginas negras da História da Humanidade, na esteira de Hitler, Stalin e Mao Tsé-Tung (todos com milhares de mortos no currículo político), de entre outros ditadores da História recente.

Outras "guerras" a serem consideradas hoje, e que vão no sentido contrário às "guerras deles", são as acções desarmadas (por isso pacíficas, mas com facções contrárias infiltradas nelas para provocarem destruição e confundirem a opinião pública) que os jovens levam a efeito pelo facto de os políticos no exercício do poder serem insensíveis às suas necessidades, aumentarem o custo de vida inviabilizando o aluguer de casa pelas altas rendas praticadas, condenando as famílias a sobreviverem com vencimentos miseráveis, e os jovens a não poderem sair da casa dos pais por lhes ser negada independência financeira.

O que acabei de escrever é o mais básico que se pode dizer da causa dos conflitos e da razão da juventude nas "acampadas" (termo espanhol para o nosso "acampamentos") que são violentamente combatidas pelo governo, enviando polícias treinados como "cães-de-guarda" para agredir à bastonada manifestantes pacíficos. Para além desta actualidade que tomei como motivo inspirador para escrever este texto, há outras razões mais profundas, e desde a Velha Grécia que filósofos se debruçaram sobre a "Natureza dos Conflitos".

Podemos dizer que nas relações internacionais os Estados vivem permanentemente em preparação para a guerra, com a intenção de garantirem a própria sobrevivência. A guerra também pode ser

um instrumento calculado para impor a vontade de um sobre o outro (que é sempre tratado como inimigo) e atingir objectivos políticos, quando a diplomacia falha ou nem sequer é tentada.

Mas também há que considerar a "legitimidade do conflito", cuja característica já foi abordada por pensadores como Santo Agostinho, Tomás de Aquino e Hugo Grócio (este, menos conhecido do que os outros dois, foi jurista, filósofo, diplomata, historiador e dramaturgo holandês do séc. XVII. É considerado um dos fundadores do Direito Internacional, com Francisco de Vitória e Alberico Gentili).

Nós hoje ainda vivemos à sombra de atitudes e modelos políticos que herdamos das 1ª e 2ª Guerras Mundiais, tais como: nacionalismo e imperialismo colonial, do qual nos libertamos há 50 anos com a Revolução dos Cravos. Agora, tais modelos políticos são "muito queridos" de jovens extremados na recuperação de atitudes da "arqueologia-política-ditatorial-pretensamente-moral".

A desigualdade que acontece hoje no nosso país, leva a juventude a sentir-se oprimida e a revoltar-se reivindicando pacificamente. Pode ser o regresso à "revolução pacífica" tão defendida por Mahatma Gandhi através da resistência civil, usando greves, manifestações, boicotes e mobilização popular em vez de luta armada, na esperança de levar ao governo quem faça mais e melhor.

Este "*fazer mais e melhor*" nunca será conseguido pela Direita extremada e selvagem que temos aí, a transformar o Parlamento em "tasco rasca" desrespeitando todos os conceitos de Humanismo. Esses, só podem fazer pior.

Se é para termos um "governo extremado"… então, cá para mim que não sou de intrigas, que seja de Esquerda… porque a Direita nunca me satisfez nos meus 82 anos de vida, e os exemplos que me dá são piores do que maus. Se é para experimentar… experimentemos começando por negar as "guerras

deles”!